

DERIVAÇÕES E RECRIAÇÕES NA OBRA DE JOSÉ OITICICA FILHO¹

Fernanda Mitsue Satake²

Falar de José Oiticica Filho imediatamente nos remete à lembrança do renomado artista plástico Hélio Oiticica, seu filho. Porém não só Hélio, mas muitos de seus antepassados estiveram ligados às artes ou à política no Brasil. A começar pelo sobrenome, que teria sido mudado como um ato de compromisso que tinha em vista superar as lutas políticas enfrentadas pelos irmãos Leite da Costa, filhos do Coronel da Legião de Penedo (interior do Estado de Alagoas), durante o período da Regência. Foi em 1831, quando a oposição a Dom Pedro chegou ao auge e o ódio entre brasileiros e portugueses era grande. Manuel Rodrigues Leite da Costa (bisavô de José Oiticica Filho) adotou um nome brasileiro que o distinguisse dos demais, passando a se chamar Manuel Rodrigues Leite e Oiticica. Outras famílias também acrescentaram nomes brasileiros a seus sobrenomes, e assim surgiram os Cajueiro, os Pitanga, os Palmeira, etc.

Manuel Rodrigues Leite e Oiticica era um estudioso das práticas médicas e em função de sua atuação no combate ao surto de cólera em Alagoas na década de 1850, recebeu do Imperador D. Pedro II as Comendas das Ordens de Cristo e da Rosa³. Seu filho, Francisco de Paula Leite e Oiticica (1853-1927), por sua vez, formou-se em Direito na Universidade de Recife. Trabalhou como Promotor Público, foi membro do Instituto Arqueológico de Alagoas, foi teatrólogo e, representou Alagoas na Câmara dos Deputados contribuindo para a consolidação da Constituinte. Em 1892, assumiu a vaga de Senador quando o Marechal Floriano Peixoto assumiu a Presidência da República.

Seu filho José Rodrigues Leite Oiticica (1882-1957), porém, percebeu que a forma como seu pai pensava e conduzia sua vida não lhe interessavam. Ingressou nos cursos de Direito e Medicina, não concluindo nenhum dos dois em favor do magistério e da pesquisa filológica. No plano político, José Oiticica foi destacado militante anarquista nas primeiras décadas do século XX. Iniciou sua militância em 1912 e desde então passou a colaborar sistematicamente na imprensa operária e anarquista.

Primogênito e único homem dentre os oito filhos de José Rodrigues Leite Oiticica e de Francisca Bulhões Leite Oiticica, José Rodrigues Leite Oiticica Filho nasceu no Rio de Janeiro, em 28 de fevereiro de 1906. É provável que tenha sido educado em casa, pois segundo cronologia escrita pela equipe do

¹ Também citado neste artigo como Oiticica Filho ou JOF.

² Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Mestranda em Artes Visuais. fernandamitsue@gmail.com.

³ A organização da Ordem de Cristo incentivou a navegação e a expansão do Império Português. Era dado aos membros da Ordem (administradores das terras conquistadas), o privilégio de receber o dízimo – imposto correspondente à décima parte dos produtos da terra – não só para atender às despesas da Ordem, como também, propagação da fé e do culto cristão. Já a Ordem da Rosa servia para premiar militares e civis que se distinguissem por sua fidelidade ao imperador e por serviços prestados ao Estado.

Projeto Hélio Oiticica, não há registros ou documentos que comprovem a frequência de José Oiticica Filho em qualquer escola primária ou secundária. Somente entre 1921 e 1923 é que Oiticica submeteu-se como aluno não-matriculado no Colégio Pedro II, para conclusão dos cursos Ginásial e Secundário. Sobre sua formação comenta seu filho, César Oiticica:

Papai nasceu em 1906 e, desde cedo, ele e as filhas todas, a família toda, viveu nessa orientação de privilegiar o livre pensar. Quer dizer, todo mundo tem o direito de pensar livremente sem interferências, influência de posições religiosas ou de qualquer outro tipo. Religiosas, patrióticas, familiares, essa coisa toda... Foram criados assim.⁴

José Oiticica Filho formou-se em Engenharia Mecânica e Eletricista pela Escola Nacional de Engenharia em 1930, lecionou Matemática no Colégio Jacobina, de 1928 a 1960, e Ciências Físicas e Naturais no Colégio Pedro II, de 1932 a 1936, ambos no Rio de Janeiro. Foi ainda entomólogo do Museu Nacional da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro) de 1942 a 1964.

Seus estudos em entomologia iniciaram em 1930, quando Oiticica Filho conheceu o professor Lauro Travassos (1890 – 1970) do Instituto Oswaldo Cruz, sendo por ele orientado nas primeiras pesquisas com foco em borboletas e mariposas do gênero *Lepidóptera*. E foi através da pesquisa científica que José Oiticica Filho interessou-se pela fotografia, pois para a documentação de insetos começou a utilizar, em 1941, a técnica da fotomicrografia, que amplia a imagem e possibilita visualizar detalhamentos microscópicos do referente [figura 01], preocupando-se com a precisão de seus registros, que contribuiriam para o avanço do conhecimento de novas espécies e para a divulgação destas pesquisas. À medida em que aprofunda seus estudos da técnica, o entomólogo passa a produzir fotografias que demonstram um novo olhar, atento a contrastes e novos ângulos, o que pode ser conferido em *Lepidóptera* [figura 02]. Nesta imagem, podemos observar uma lepidóptera saindo do casulo fotografada em contra luz, e ao fundo uma luz difusa, propagada entre partículas de um nevoeiro. A fotografia de um cientista apresentaria detalhes do referente, mas José Oiticica Filho enxergou além da borboleta, capturando uma bela imagem repleta de dramaticidade.



[Fig. 1] José Oiticica Filho, *Genitália de Citheronia Mogya* (x25), s.d.

[Fig. 2] José Oiticica Filho, *Lepidóptera*, s.d.

4 TROVÃO, Ana Carolina Rubini. *Cosmococa: anarquismo, liberdade e experimentalismo na obra de Hélio Oiticica*. Curitiba – Universidade Federal do Paraná, Dissertação de Mestrado, 2006, pg. 148.

Como muitos fotógrafos da época, Oiticica iniciou-se no fotoclubismo como maneira de exibir e discutir sua produção e aprofundar seus conhecimentos sobre o processo fotográfico. Pouco depois de tornar-se sócio do Photo Club Brasileiro (primeiro fotoclube a se organizar de maneira efetiva no Brasil) em 1942, JOF tornou-se membro, em 1944, da então recém fundada Associação Brasileira de Arte Fotográfica (ABAF) e também sócio do Foto Cine Clube Bandeirante (FCCB), e no ano seguinte, sócio da Sociedade Fluminense de Fotografia (SFF). Paulo Herkenhoff comenta esse início de Oiticica Filho no fotoclubismo:

No momento de seu ingresso nessas sociedades prevaleciam os últimos momentos do fotopictorialismo acadêmico, em que a fotografia existia enquanto simulacro da pintura. Era o afã de dar à fotografia o estatuto de arte contra a idéia de ser técnica documental mecânica. (...) Negando o potencial da materialidade da fotografia, os pictorialistas quase sempre buscavam fazer ‘quadros’ de uma têmpera romântica, anterior ao Impressionismo.⁵

Inicialmente, JOF recorre a algumas das técnicas pictorialistas para a produção de algumas fotografias. Porém, esta foi uma fase de curta duração. Sua primeira exposição de fotografia ocorreu em 1943, com a foto *Luz dançante* [figura 03], no *VI Salon Internacional de Fotografia Artística de Montevideu*. Podemos observar nesta obra uma mudança no olhar, pois JOF o direciona a novos temas, anteriormente propostos e compostos por ele, e já não recorre mais às imagens derivadas de seus estudos em ciências. Posteriormente, podemos observar o interesse de Oiticica Filho em fotografar situações em que a luz fosse intensa e imponente. Em *Pôr do sol na Gávea* (1947) [figura 04], por exemplo, há uma grande faixa vertical de luz, denunciando alguns contornos de ondas, montanhas e nuvens. Todo o restante da fotografia se traduz em uma imensa escuridão. Em *Noturno* (1949) [figura 05], a única iluminação presente na imagem é a que aparece ao fundo, resultando em um contra luz extremamente contrastado, pois o que vemos nesta imagem são apenas as silhuetas de um menino e uma árvore. Foi com as fotografias desta época que Oiticica ganhou reconhecimento internacional, tornando-se o fotógrafo brasileiro mais premiado no exterior durante a década de 1950: sua presença em Salões contou, até o ano de 1954, com 429 participações internacionais.



[Fig. 3] José Oiticica Filho, *Luz Dançante*, 1941.

[Fig. 4] José Oiticica Filho, *Pôr do sol na Gávea*, 1947.

[Fig. 5] José Oiticica Filho, *Noturno*, 1949.

5 FUNARTE, Núcleo de Fotografia. *José Oiticica Filho – a ruptura da fotografia nos anos 50*. Exposição realizada em jan./fev. 1983 na Galeria de fotografia da Funarte, Rio de Janeiro, pg 11.

Enquanto a estética pictorialista continuava sendo uma atividade predominante nos fotoclubes brasileiros (o que durou até a década de 1950), o Foto Cine Clube Bandeirante (FCCB), já na década de 40, passa a divulgar uma estética modernista. O início desta mudança se deu através do trabalho de pioneiros que se propuseram a produzir fotografias com um olhar diferenciado. A inovação desses fotógrafos estava justamente na busca de uma visão pessoal, desenvolvida intuitivamente. Alguns dos pioneiros foram José Yalenti, Thomas Farkas, German Lorca e Geraldo de Barros, que voltaram seus olhares para aspectos como o contra-luz, as geometrias e jogos de linhas, ritmos e planos emergentes de elementos da arquitetura moderna, além da busca pelo excêntrico no cotidiano. Barros, no entanto, se destacou por realizar intervenções no processo tradicional de obtenção da imagem. Múltiplas exposições de uma mesma chapa, recortes, superposições, desenhos executados diretamente no negativo, montagens, cortes nas cópias já prontas, são alguns exemplos de procedimentos realizados por este artista que demonstram a vontade deste de criar novas possibilidades de produção na fotografia como arte.

Paralelamente ao trabalho de Geraldo de Barros, José Oiticica Filho também dava início nesta época a experimentações no laboratório fotográfico. Mas embora ambos tenham semelhanças em seus trabalhos, seus percursos são distintos. Geraldo de Barros fica responsável pela organização do Laboratório de Fotografia do MAM-SP em 1949, e participa ativamente das discussões dos grupos de artes plásticas da época, difundindo o ideário concretista no Brasil, enquanto José Oiticica Filho segue sozinho em suas pesquisas de laboratório, gerando formas fotográficas nem sempre comprometidas com o debate de artes do momento.

Sócio do Foto Cine Clube Bandeirante desde 1944, José Oiticica Filho manteve grande contato com esta associação, e mesmo durante sua estadia em Washington⁶, JOF contribuiu mensalmente para o *Boletim Foto Cine Clube Bandeirante (BFFC)*, descrevendo o panorama da fotografia americana da época e relatando suas experiências com a fotografia no país.

A partir da primeira metade da década de 1950 podemos perceber maior afinidade entre Oiticica Filho e os fotógrafos do FCCB, pois suas obras deste período demonstram seu grande interesse pelas linhas arquitetônicas para compor geometrias. Em *Triângulos semelhantes* (1953) [figura 06], por exemplo, Oiticica Filho capta planos de incidência de luz em formato triangular na sombra de um edifício, e nestas áreas coloca crianças, dando mais vida à fotografia. Em *O túnel* (1951) [figura 07], outra obra desta época, JOF compôs planos e jogo de linhas a partir de duas diferentes fotos: a de uma rua da qual ele aproveita os trilhos de bonde e a de uma floresta, que é estrategicamente recortada no formato de uma boca de túnel. Os dois fragmentos são montados sobre um fundo negro, simulando um contra-luz. Em *“Composição óbvia”* (1954) [figura 08] também podemos observar uma grande intervenção. A fotografia original é de um menino (seu filho, Hélio) apoiado no corrimão de uma escada. Em cima desta imagem, JOF faz retoques com nanquim, eliminando pequenos detalhes e ressaltando somente os traços do corrimão, e então esta imagem foi refotografada, para dar origem à fotografia que conhecemos. Esta obra abriu caminho para pesquisas no campo da abstração, tendência que influenciou Oiticica até o final de sua vida.

⁶ José Oiticica Filho recebeu em 1947 uma bolsa de pesquisas da Fundação Guggenheim para trabalhar no *Smithsonian National Museum of Natural History*, e em 1948 viajou com a família para Washington, onde permaneceu dois anos, pois teve sua bolsa renovada por mais um ano.

Em abril de 1954 José Oiticica Filho realizou uma mostra individual de caráter retrospectivo, no Foto Cine Clube Bandeirante. Na ocasião da inauguração, José Oiticica Filho fez um discurso no qual comenta suas inquietações:

(...) Sou o maior insatisfeito com a obra realizada. (...) sempre insatisfeito, sabendo ser prisioneiro de uma máquina fotográfica teimosa em copiar em vez de criar. Sabendo ser prisioneiro de um meio de expressão algo limitado em suas possibilidades como o é uma folha de papel clorobrometo. Daí a minha luta, procurando dominar o meio pela técnica, para poder estampar num retângulo de papel algo de estético de acordo o mais possível, com meu Eu interior. (...) Nesta insatisfação com o trabalho realizado, própria do homem que pensa, reside creio, o maior ponto de contato entre mim e os meus colegas e amigos do Bandeirante.⁷



[Fig. 6] José Oiticica Filho, *Triângulos semelhantes*, 1953.



[Fig. 7] José Oiticica Filho, *O Túnel*, 1951.

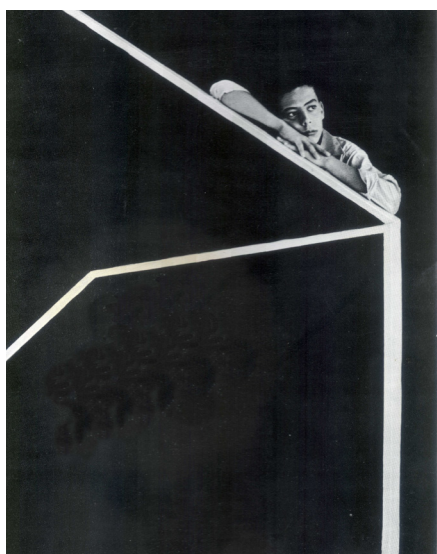
É também neste ano, 1954, que José Oiticica Filho inicia a série *Formas*, na qual as fotografias já não apresentam mais um referente identificável: seu conteúdo tem aparência abstrata. Nestes primeiros experimentos, Oiticica Filho sobrepõe superfícies irregulares em desenhos, o que dava um efeito de diluição das formas e linhas, além de dar textura à imagem. Um exemplo de obra desta fase de JOF é a *Forma 24C* (1956) [figura 09], resultado de uma sobreposição de vidro corrugado a um desenho geométrico feito pelo próprio fotógrafo.

Sem referente identificável, as fotografias de José Oiticica Filho a partir deste momento podem ilustrar o amplo debate sobre a abstração no campo da fotografia. Alfred Barr⁸ utiliza o termo aplicado

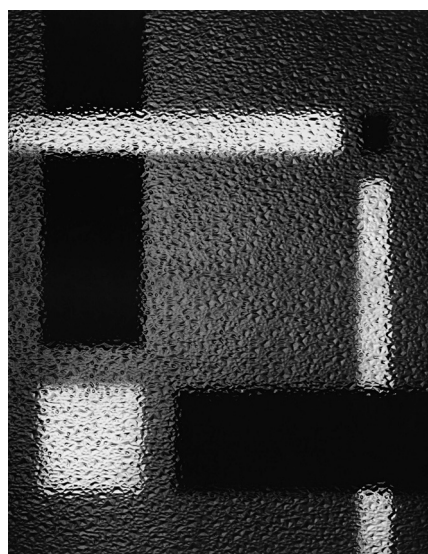
⁷ “Exposição de José Oiticica Filho”, BFC n. 88, abr. 1954, pg 14.

⁸ Ver: BARR JUNIOR, Alfred H., *Cubism and abstract art*. New York: The Museum of Modern Art, 1974. Pg. 170.

nas artes para o caso de fotografias produzidas por artistas. Paulo Herkenhoff⁹ também utiliza o termo “fotografia abstrata”, mas preocupa-se com o significado deste, e conclui que este deve ser utilizado em oposição à “fotografia figurativa” em que o referente é explicitamente reconhecível.



[Fig. 8] José Oiticica Filho, *Composição óbvia*, ca 1953.



[Fig. 9] José Oiticica Filho, *Forma 24C*, 1956.

Já Rosalind Krauss¹⁰ questiona o conceito de “fotografia abstrata”, afirmando que este é um termo utilizado por críticos e não pelos próprios artistas e fotógrafos. Para ela, a fotografia é a marca de alguma coisa registrada no filme fotográfico e não pode desvincular-se disto, e artistas como Moholy-Nagy, Lissitzky e Man Ray, apesar de terem experimentado a “fotografia abstrata”, não a defenderam. O que acontece no caso de fotografias supostamente abstratas, segundo Krauss, é que vemos o referente, mas não o reconhecemos, perdemos o encontro.

De opinião semelhante à de Krauss, Arlindo Machado mostra-se negativo em relação à possibilidade de existência de fotografia abstrata, justamente devido às características de sua formação, e critica a intenção de José Oiticica Filho:

É curioso constatar que as fotografias ditas “artísticas” sejam, no geral, bem pouco severas em relação à ilusão especular e permaneçam, apesar de tudo, figurativas, por mais que tentem disfarçar essa condição com arranjos harmônicos e composições “musicais”. [...] Daí o equívoco fundamental de José Oiticica Filho ao supor que poderia, numa certa fase de sua obra, construir uma fotografia “abstrata”, debruçando-se sobre motivos informais, como traçados de tinta sobre vidro rugoso. O momento de abstração nas fotos de Oiticica é anterior à fotografia propriamente dita: por essa razão, tais fotos “abstratas” não são nem um pouco menos figurativas que qualquer pimentão hiper-realista de Edward Weston. É que, em quaisquer circunstâncias, a câmera e a película gelatinosa foram concebidas para possibilitar a emergência da figura, sem deixar brechas para qualquer outra exploração que não o ilusionismo de “real”¹¹

9 Ver: FUNARTE, Núcleo de Fotografia. *José Oiticica Filho – a ruptura da fotografia nos anos 50*. Exposição realizada em jan./fev. 1983 na Galeria de fotografia da Funarte, Rio de Janeiro, pg 13.

10 Ver: KRAUSS, Rosalind. *Fotografia y abstracción*. In: RIBALTA, Jorge (org). *Efecto Real*. Barcelona: Gustavo Gili, 2004. Pg. 231.

11 MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular: introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984. Pg. 155.

A partir de 1955, Oiticica distingue em sua obra processos de “derivações”, e em 1958 de “recriações”, fase que considero a mais criativa e interessante em sua produção. O próprio autor explica os dois processos:

(Em *derivações*) A coisa fotografada não é uma criação minha, isto é, é uma coisa já existente, criada por outrem. Exemplos: fotografia de paisagens, de barcos, de naturezas mortas, etc. (...) Claro que obtenho novas imagens, novas criações, mas partindo de algo que não foi minha criação.”. (...) (Em *recriações*) A coisa fotografada é uma criação minha. É em geral uma composição em preto e branco. Neste caso as imagens (são) obtidas por combinações de positivos e negativos transparentes (...).A recriação fotográfica é, ao meu ver, um método interessantíssimo para estudos e pesquisas em artes visuais, sob um ponto de vista geral, e não apenas fotográfico.”¹²



[Fig. 10] José Oiticica Filho, *Derivação 1*, s/d.



[Fig. 11] José Oiticica Filho, *Ouropretense 7*, 1956.



[Fig. 12] José Oiticica Filho, *Recriação 29/64*, 1964.

Em *Derivação 1* [figura 10], por exemplo, Oiticica Filho partiu de um retrato para realizar a desconstrução de detalhes do referente, ressaltando apenas alguns contornos deste rosto. Na maioria das *Derivações*, no entanto, não podemos identificar o referente.

Também consideradas como *Derivações*, a série *Paredes de Ouro Preto*, ou *Ouropretenses* [figura 11], criada em 1956, consistia em fotografias de paredes, de detalhes como tintas descascadas pelo tempo, buracos e ampliações de detalhes, baseados em fotomicrografias. Em depoimento ao periódico da Associação Brasileira de Fotografia (ABAF), Oiticica declara sua aversão à concepção tradicional da fotografia:

Olhem, vejam, comparem e procurem fazer algo diferente, não quanto à técnica, que de um modo geral é bem elevada, mormente em se tratando de salão de nível internacional (II Exposição Internacional de Arte Fotográfica da ABAF). Digo algo de diferente quanto à concepção, quanto à apresentação do assunto. Não se prendam ao ‘não pode’. Tudo pode ser feito, porém com gosto.

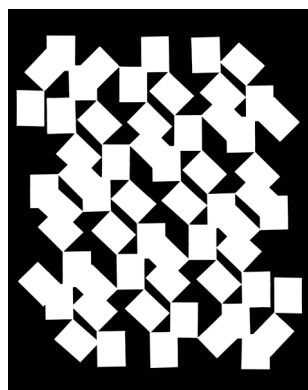
12 OITICICA FILHO, José. *Recriação fotográfica*. Jornal do Brasil, Suplemento Dominical. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1958. pg 3.

Libertem-se da máquina fotográfica, procurando dominá-la com o cérebro, este instrumento maravilhoso que Deus nos deu.¹³

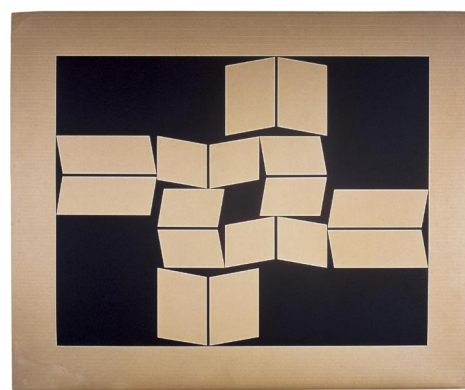
Em *Recriações*, o trabalho de Oiticica Filho torna-se totalmente original, pois para esta série fotografa obras produzidas por ele mesmo, como é o caso de *Recriação 29/64* (1964) [figura 12], em que JOF utiliza dois pedaços de fita adesiva transparente para compor a imagem. Outro tipo de obra desta série é *Recriação 43/64* (1964) [figura 13], na qual podemos observar a fotografia de pinceladas gestuais em alto contraste, quase sem meios tons, predominando o preto e branco.



[Fig. 13] José Oiticica Filho, *Recriação 43/64*, 1964.



[Fig. 14] José Oiticica Filho, *Recriação (Forma D10)*, 1958.



[Fig. 15] Hélio Oiticica, *Metaesquema*, 1958.

Com esta série, José Oiticica Filho descobriu outros caminhos de pesquisas no campo das artes plásticas. Questionado sobre *Recriações*, diz:

Considero-as fotografia se as exponho como cópia fotográfica, mas às vezes uso as formas conseguidas pelas combinações de positivo e negativo como modo de pintura. No último Salão Moderno expus dois quadros feitos segundo essas formas. Nesse caso, é óbvio, trata-se de pintura. É uma nova aplicação do processo de recriação. Aliás, na pintura, há ainda a possibilidade de fazer modificações que na fotografia é impossível de fazer.¹⁴

José Oiticica Filho diz ainda não encontrar diferenças entre suas *Recriações* quando feitas como fotografia ou como pintura. Podemos perceber grande semelhança entre a obra de JOF e seu filho, Hélio em suas obras desta época. Ao comparar as imagens das obras *Recriação (Forma D10)* (1958) [Figura 14], de José Oiticica Filho e o *Metaesquema* (1958) [Figura 15], de Hélio Oiticica, fica evidente a influência que um exercia sobre o outro. Entre as experiências do Grupo Frente¹⁵ (1954-56) e do Neoconcretismo¹⁶

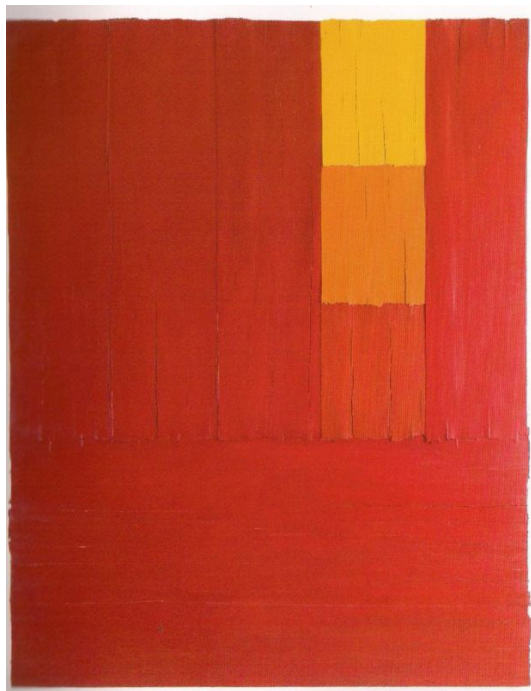
13 OITICICA FILHO, José. *ABAF Informa*, dez. 1955.

14 GULLAR, Ferreira. *Recriação, ou a fotografia concreta*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1958. Suplemento Dominical, p.3.

15 Ivan Serpa liderava o *Grupo Frente*, um marco do movimento construtivo no Brasil. O que os une não é uma posição estilística única, mas sim a rejeição à pintura modernista brasileira, figurativa e nacionalista. Para os artistas do grupo frente, a linguagem geométrica é um campo aberto à experiência e à indagação.

16 O Neoconcretismo foi um movimento artístico surgido no Rio de Janeiro em fins da década de 1950 em reação ao Concretismo Paulista, que defende que o objeto artístico deve ser encarado como exercício de concreção racional de uma idéia, cuja execução deve ser previamente guiada por leis claras e inteligíveis, de preferência cálculos matemáticos. Para os neoconcretistas, a arte abstrata não deve ser um mero objeto, pois possui sensibilidade e expressividade.

(1959-61), a conversa entre pai e filhos girava em torno das modificações da arte brasileira construtiva: Oiticica Filho matriculou, em 1954, seus filhos Hélio e César no curso de Ivan Serpa, e a partir de então seu contato com o panorama artístico da época foi intenso.



[Fig. 16] José Oiticica Filho, *Pintura Relevo*, s/d.

Tendo transformado a fotografia num verdadeiro campo experimental, e após começar a pintar, primeiro como base para suas *Recriações*, e depois como pintura mesmo, a partir de 1961 Oiticica passa dá início a construções de relevos de madeira, pintados com cores fortes, as *Pinturas Relevo* [figura 16]. Segundo Hélio Oiticica,

De 1961 em diante constrói seus relevos de madeira, pintados, chegando à fase final, mais importante, onde cor e o espaço visual passam a ser problemas e, de muitos modos, o colocam entre as pesquisas mais autênticas de vanguarda. A maioria desses trabalhos permanece inédita. O problema plástico que os envolve ainda é de grande atualidade (cor-luz, quadro-objeto, espaço ilimitado) e são, sem dúvida, obras ímpares no nosso contexto artístico de vanguarda.¹⁷

Desde a IV Bienal (1957), José Oiticica Filho inscreveu seus trabalhos de pintura, mas foi recusado sucessivamente na IV, V e VI Bienais. Somente na VII Bienal (1963) cinco de suas *Pinturas Relevo* são aceitas.

Em 26 de julho de 1964, José Oiticica Filho falece, vítima de um AVC, deixando uma enorme contribuição para a arte brasileira, em especial à fotografia moderna.

17 FUNARTE, Núcleo de Fotografia. *José Oiticica Filho – a ruptura da fotografia nos anos 50*. Exposição realizada em jan./fev. 1983 na Galeria de fotografia da Funarte, Rio de Janeiro, pg 07.